

## O QUE SÃO OS MOVIMENTOS ANTSSISTÊMICOS?\*

Carlos Antonio Aguirre Rojas<sup>1</sup>

“... o responsável pela nossa dor, injustiça, desprezo, espólios e golpes com os quais vivemos, é um sistema econômico, político, social e ideológico, é o sistema capitalista. O seguinte passo do neozapatismo tem que atingir claramente o responsável (...). Isto é, deve ser uma iniciativa antissistêmica.”  
Subcomandante Insurgente Marcos, “*Los zapatistas y La Otra: Los peatones de la de la historia*”, 2006.

### As origens do conceito de movimentos antissistêmicos

O conceito de “movimentos antissistêmicos” foi cunhado por Immanuel Wallerstein nos anos setenta do século XX, para tratar de englobar em um só termo as duas famílias principais dos movimentos sociais, que se desenvolveram e se afirmaram durante o século XIX, e que são, de um lado, todos os movimentos sociais e socialistas surgidos nos países centrais e semiperiféricos do sistema-mundo, e de outro, o conjunto de movimentos nacionalistas, anticolonialistas e de liberação nacional desenvolvidos na grande maioria das nações da vasta periferia desse mesmo sistema-mundo capitalista<sup>2</sup>.

Porque neste ponto, relativo aos movimentos sociais de oposição, Immanuel Wallerstein, defendendo sua tese central de que é preciso diferenciar os diversos fenômenos estudados, de acordo com os distintos espaços constitutivos do sistema-mundo

---

\* Tradução de André Dionei Fonseca, doutorando em História Social (FFLCH/USP), e Eduardo de Melo Salgueiro, doutorando em História (PPGH/UFGD, bolsista Capes). Os tradutores agradecem a gentileza do professor Carlos A. Aguirre Rojas por autorizar a publicação deste texto em língua portuguesa.

<sup>1</sup> Pesquisador Titular e Professor do *Instituto de Investigaciones Sociales* da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM). Doutor em Economia pela UNAM com pós-doutoramento em História pela *École des Hautes Études et Sciences Sociales*, Paris, França. Lecionou em universidades francesas, norte-americanas e da América Latina. Em diversas ocasiões foi nomeado diretor de *Etudes en la Maison des Sciences del Homme* em Paris. No Brasil publicou, entre outros, *Uma história dos Annales* (1921-2001). Tradução Jurandir Malerba-Maringá: Eduem, 2004 e *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas* de Marc Bloch a Michel Foucault, Tradução e revisão técnica de Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2000.

<sup>2</sup> Por isso, diz Immanuel Wallerstein (2003) “Cunhei o termo de ‘movimento antissistêmico’ na década de 1970, com a finalidade de ter uma forma de expressão que pudesse incluir em um só grupo aqueles que, histórica e analiticamente, haviam sido na realidade dois tipos de movimentos populares diferentes, e em muitos sentidos até rivais, isto é, aqueles movimentos que foram situados sob o nome de ‘sociais’ e por outro lado, os que se autotificavam de ‘nacionais’”.

---

capitalista (que abarcam o centro, a semiperiferia, e a periferia do sistema), distingue essas duas grandes famílias de movimentos de oposição surgidos nos séculos XIX e XX, e demonstra que, muito embora os movimentos socialistas e comunistas que desafiavam o sistema em torno da relação entre o trabalho assalariado e o capital, tenham nascido e se afirmado sobretudo, mesmo que não exclusivamente, nos países centrais, será nas zonas dos países periféricos do mundo, que vão prosperar com mais força e protagonismo de movimentos de liberação nacional, anti-imperialistas e anticoloniais, desafiando centralmente a relação de dependência e de exploração econômica de países periféricos por parte dos países ricos e centrais do sistema.

Isso não impede que também se estabeleçam movimentos socialistas na periferia e movimentos nacionalistas no centro e na semiperiferia. É claro que a maior ênfase, em cada caso, se encontra mais nitidamente nos movimentos socialistas do centro e da semiperiferia, e os ditos movimentos nacionais da periferia.

Porém, mais além do sentido original do termo, que inclusive dentro da obra do próprio Wallerstein foi melhorado no decorrer das últimas décadas, é também significativo que o dito conceito de movimentos “antissistêmicos” foi se popularizando e se difundindo cada vez mais, tanto no seio dos grupos de ativistas e militantes dos mais diversos segmentos sociais de protesto e de oposição ao capitalismo, como igualmente dentro dos trabalhos e ensaios de pensadores críticos que tentam explicar e analisar esses mesmos movimentos que contestam o sistema capitalista atual. E assim, há uma diversidade de formas e sentidos, que equipara o termo “movimentos antissistêmicos” com o de “movimentos anticapitalistas” a qualquer manifestação, até mesmo de dissidência individual ou de resistência informal contra as múltiplas expressões do capitalismo, passando pela validação dos ditos conceitos para a caracterização dos novos movimentos sociais, posteriores a 1968, incluindo-se aí toda forma de mobilização social (que por ser efêmera e passageira não chega a se efetivar e a ser verdadeiramente um movimento social, do tipo que for)<sup>3</sup>.

Para tentar propor o que, em nossa opinião e nas condições atuais deste início cronológico do terceiro milênio, pode significar o termo “movimentos antissistêmicos”, talvez possa ser útil começarmos com alguns esclarecimentos conceituais preliminares que distingam o que são as formas de protesto *individuais* das formas *coletivas* de

---

<sup>3</sup> Sobre os múltiplos usos e sentidos do termo, sugiro a leitura de: Subcomandante Insurgente Marcos, “El zapatismo y La Otra: Los peatones de la historia” en *Rebeldía*, num. 46, out. de 2006, “Responde multitud a prohibición de manifestaciones en Madrid”, en *La Jornada*, 19 de maio de 2011; William G. Martin (2008), e Gustavo Castro Soto (2008).

---

manifestações que semeiam e formam um verdadeiro movimento social; e igualmente mostrar as diferenças e as conexões entre uma *mobilização* social e um *movimento* social; e entre movimentos sociais das classes médias, ou de setores dominantes, dos movimentos realmente *populares*; ou, mesmo, entre movimentos sociais, que são de um lado *conservadores* e outros que, em sua antípoda, são movimentos sociais *progressistas*; e os que são somente de oposição interna ao sistema ou *pró-capitalistas*, dos movimentos genuinamente *anticapitalistas*; assim como entre estes últimos e os movimentos que são mais profunda e radicalmente *antissistêmicos*.

### **Sobre as distintas formas e expressões do protesto social**

O protesto social e a luta dos oprimidos contra a exploração, a humilhação, os constrangimentos, a discriminação, o despotismo e a subjugação em todas as suas formas, são tão antigas como igualmente é a existência das sociedades divididas em classes sociais, pois frente ao domínio e ao subjugoamento que implicam em qualquer tipo de hierarquia e desigualdade social, tem se desenvolvido, igual e paralelamente, a insubordinação e a rebelião dos diversos setores, classes ou grupos submetidos a esta dominação e escravização. Diante disso, a história da humanidade, desde tempos muito remotos, mas *não* desde suas origens, até a situação atual, tem sido não só a história da luta entre as classes sociais, mas concomitantemente, a história dessas diferentes formas e facetas do protesto social, já que a partir da complexa e variada dissolução das formas *comunitárias* de organização social, que caminhou por vias distintas e que fez nascer as diferentes sociedades divididas em classes sociais, começa a se desenvolver, juntamente com a nascente luta de classes, também o igualmente diversificado leque dessas formas de revoltas e de protesto social<sup>4</sup>.

O protesto social milenar e constante, que sendo uma das claras *estruturas da longa duração* da história humana, é também um dos espaços importantes da inesgotável, sempre renovada e florescente criatividade social das classes populares, que tenaz e incansável, encontra em cada nova circunstância e em cada momento novo, as múltiplas e complexas vias de sua, também, expressão multiforme. Quando comparado com o poder avassalador

---

<sup>4</sup> Em nossa opinião, é esta a ideia, entre outras, a que Marx e Engels fazem alusão em seu conhecido e, muitas vezes, mal interpretado texto o *Manifesto do Partido Comunista*, quando afirmam que “A história de todas as sociedades até os nossos dias, é a história das lutas de classes”, em *Obras Escogidas*, tomo 1, Ed. Progreso, Moscú, s/d, p. 19. Sobre este complexo processo de dissolução das sociedades comunitárias e as múltiplas vias de gestação das sociedades de classes, sempre é útil voltar a reler o fragmento dos *Grundrisse...* de Marx, sobre as ‘formações econômicas pré-capitalistas’, em *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. Grundrisse* (1971). Indico também Carlos Antonio Aguirre Rojas (1988).

---

das classes e grupos dominantes, esse poder que se afirma por meio da riqueza, hierarquia social, ou do Estado (sob as formas de uma suposta superioridade intelectual, social, étnica, de gênero, ou de *status*, entre outras), essa criatividade popular igualmente se multiplica sob mil formas, descobrindo e inventando a todo tempo maneiras de burlar essas facetas distintas do poder, de procurar espaços de afirmação de sua própria liberdade, de escapar às normas e controles impostos pelo poder dominante, e também, em outras circunstâncias, saber os momentos adequados para desafiar abertamente esses poderes e deslegitimá-los em crise, e até mesmo, às vezes, investir radicalmente destruindo esses poderes e tentando colocar o mundo “de cabeça pra baixo”.

Desde o grito ousado de Spartacus e da rebelião dos escravos que ameaçavam os opressores romanos com sua “Voltar a ser milhões!” até o digno “Já Basta!” dos indígenas neozapatistas mexicanos, o que se desenrola é uma longa e heroica sucessão de lutas, protestos e reivindicações sociais erigidos pelas classes e setores subalternos das distintas sociedades e povos de todo o planeta. É uma longa e diversificada, por mil vias diferentes e com roupagens diversas, cadeia de reclames que dá vida e conteúdo a esse sempre legítimo “direito de se rebelar”, em que se expressa e se condensa o sentimento profundo e persistente de revolta contra a injustiça e a exploração que ainda prevalecem na atualidade.

É uma longa cadeia de lutas, motins, rebeliões, insurreições e revoluções das classes populares e subalternas da sociedade, que abarca desde gestos *individuais* de descontentamento e insubordinação, até formas *coletivas e massivas* de protesto social, sendo, às vezes, expressões *subterrâneas* e encobertas e, às vezes, *públicas* e abertas. Formas múltiplas de descontentamento social, que em algumas ocasiões são apenas *efêmeras* e fugazes, e em outras *sustentadas* e desenroladas por anos e até mesmo décadas, como formas mais permanentes de luta social, que também poderá ser ou *espontânea e imediata*, ou, em outro caso, *planejada* e organizada conscientemente. Lutas de distinta magnitude, caráter, duração e estruturação, que algumas vezes se limitam a expressar a lógica resposta de inconformidade frente ao agravo, ao gesto despótico, ao ato de exploração, ou à atitude discriminatória, porém, sem transcender o horizonte do sistema social então imperante, mas que, em outras vezes, no entanto, vão mais além desse horizonte *intrassistêmico*, para semear expectativas, objetivos e lógicas realmente *antissistêmicas* e muito mais profundamente revolucionárias<sup>5</sup>.

A enorme diversidade e pluralidade das formas e manifestações deste onipresente e milenar protesto social nos mostra igualmente a imensa dificuldade para caracterizar e

---

<sup>5</sup> Para constatar essa imensa diversidade de formas de expressão de protesto social, assim como seus distintos graus de maturação, vale a pena rever os interessantes e profícuos trabalhos de Ranajit Guha (1997; 1999).

---

definir com mais precisão essas variadas facetas da rebelião social, que não somente se desenrola ao longo dos séculos, cobrindo as várias etapas da evolução histórica das sociedades humanas, mas que também se afirma em todo o nosso Planeta Terra, abarcando com amplitude os povos, as sociedades e as civilizações mais diversas.

A questão se torna ainda mais complexa quando olhamos para todas essas facetas da rebelião social de maneira *dinâmica*, introduzindo a grande pergunta sobre quais são as razões e as dialéticas concretas que levam, desde o gesto rebelde individual, de um pequeno grupo que se afirma inicialmente somente como uma forma de resistência passiva, ou como um modo encoberto e subterrâneo de insubordinação – que vai se transformando em uma forma mais aberta de descontentamento – ao pequeno tumulto coletivo, que então começa a crescer, convertendo-se primeiro em um movimento mais vasto que se multiplica e diversifica suas formas de luta e de manifestação para ser capaz de gerar, mais adiante, uma rebelião de alcances mais amplos, que luta, retrocede, avança e retoma seu impulso para alcançar uma escala regional e, às vezes, nacional. E tudo isso, como antessala de uma insurreição aberta, pacífica ou não, que se confronta radical e explicitamente com os poderes dominantes e que afirma claramente objetivos antissistêmicos para culminar em uma revolução total, que pretende mudar totalmente a antiga “ordem das coisas”.

Dinâmica complexa da insubordinação social, que cresce e amadurece lenta, porém, firmemente, e que nos remete sempre para sua mais adequada explicação, ao específico “estado de ânimo” dos oprimidos, em cada momento e circunstância históricos, ao grau de desenvolvimento de seu descontentamento e de sua consciência, até o ponto de concreção e também de maturação da luta de classes e do conflito social em geral, assim como nos remete ainda às experiências e heranças prévias desses mesmos oprimidos da história. Em síntese, a toda gama de fatores complexos que Edward P. Thompson resumiu em seu importante e original conceito de “economia moral da multidão”<sup>6</sup>.

A complexidade da dinâmica geral da economia moral das classes exploradas e subalternas da sociedade não é nada linear tampouco tem sentido único, pelo contrário, é múltipla, diversa, polivalente e multidirecional. Certamente o que nos mostra a milenar história das lutas sociais dos subalternos, é a figura de uma tortuosa árvore de muitos galhos, onde alguns deles foram cortados em razão da brutal repressão das classes

---

<sup>6</sup> A obra de E. P. Thompson se mostra bastante fecunda na tentativa de resgatar essas curvas evolutivas do protesto social, desde suas manifestações mais primárias e elementares, até suas formas mais abertas e contundentes. Sobre o tema, recomendo a leitura de seus livros *Costumbres en Común*, que contém seu essencial ensaio sobre ‘La economía moral de la multitud en la Inglaterra del siglo XVIII’, seu complemento, ‘La economía moral de la multitud revisitada (1995), *Tradición, revuelta y consciencia de classe* (1979), e seu clássico *La formación de la clase obrera en Inglaterra* (1989). Sobre o conceito de ‘economia moral de la multitud’, ver Carlos Antonio Aguirre Rojas (2011a; 2011b).

dominantes, e outros têm se bifurcado várias vezes, para gerar diferentes tentativas de oposição e rebeldia frente a essa mesma dominação, prolongando-se com sólidos e contínuos esforços, que mantêm certa direção global, e em outras, como recorrentes saltos e mudanças de direção, que buscam o melhor caminho, e que avançando e retrocedendo alternativamente, dão também expressão a essa pertinente e inesgotável resistência social daqueles que vêm de baixo.

O que explica que, na história dos protestos sociais, tenhamos visto movimentos sociais que nascem como movimentos não antissistêmicos, mas que, em virtude de sua própria experiência e maturação, terminam por transformar-se e converter-se em sólidos movimentos realmente antissistêmicos. Por outro lado, é perfeitamente possível que movimentos genuinamente antissistêmicos, ao alcançar e conquistar o poder do Estado, mudem radicalmente para converter-se em movimentos simplesmente intrassistêmicos e até defensores do minimamente modificado *status quo*. Isso implica, igualmente, que possam existir movimentos, em alguma fase de seu desenvolvimento ou maturação, que combinem ao mesmo tempo certos gestos e posturas antissistêmicas, com outras mais limitadas e intrassistêmicas.

Esse aspecto nos mostra que cada movimento ou forma de protesto e de luta social, deve sempre ser estudado em seu particular contexto, em sua especificidade histórica, em sua linha evolutiva concreta, e em suas variações e curvas no decorrer de seu desenvolvimento. O que então nos permitirá distinguir claramente, por exemplo, uma *mobilização* social de um verdadeiro *movimento* social, pois ainda que a primeira possa ser vasta e massiva e muito impactante do ponto de vista de seus efeitos sociais imediatos, não deixa de ser uma manifestação efêmera, passageira e constituída em torno de um objetivo pontual e de certo modo, limitado. Por exemplo, como o caso de uma vasta mobilização contra um ato claramente arbitrário de parte do poder presidencial; ou como na situação de um repúdio generalizado a uma série de medidas draconianas de um parlamento divorciado do povo; ou em ocasião de um rechaço massivo às eleições políticas em um contexto de crise econômica e de uma deslegitimação geral de uma classe política específica; ou também como o caso de uma clamorosa e escandalosa fraude eleitoral<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Pensamos aqui que esse foi o caso, por exemplo, da monumental fraude eleitoral que padeceu o México em julho de 2006, e que gerou uma vasta *mobilização social*, e que, entretanto, foi freada e pouco a pouco desiludida em razão das ações do próprio Andrés Manuel López Obrador, com suas vagas e contraditórias medidas de resposta a essa fraude. É claro que, até hoje, essa mobilização social ainda não logra converter-se em um verdadeiro *movimento social*. Sobre esta mobilização de 2006 no México, e sobre o contexto no qual se desenvolveu, vejam os nossos ensaios, “La crisis poselectoral mexicana y La Otra Campaña”, e também, “Mexico en el 2007, el camino más rápido hacia el 2010”, ambos incluídos em Carlos Antonio Aguirre Rojas (2007a). Mais recentemente temos assistido às enormes e importantes *mobilizações* sociais massivas dos

---

*Mobilização* social pode ser de grandes dimensões, porém, se distingue claramente de um verdadeiro *movimento* social, que é algo mais permanente, organizado, que trabalha de maneira constante e planejada, e que delinea explicitamente objetivos não somente imediatos, mas também de médio e, até mesmo, de longo prazo. É claro que um movimento social pode gestar-se em sua origem a partir de uma mobilização social, ou também, um movimento social já consolidado pode em certa conjuntura política convocar diversas mobilizações sociais pontuais e concretas, no entanto, é preciso ter consciência de que se trata de duas expressões distintas de uma mesma e subjacente inconformidade social das classes e setores subalternos da sociedade.

O movimento social, distinto da mobilização social, pode, por sua vez, adquirir muitas e diferentes facetas e variantes em sua própria concretude. Isso porque o caráter, o sentido, os limites e as possibilidades que definem um movimento qualquer, dependem, como é lógico, das classes, dos setores, dos grupos e dos atores sociais que sustentam e dão corpo concreto a esse dito movimento social. Assim, será muito distinto um movimento estudantil de um movimento camponês ou de trabalhadores, o mesmo que diferenciará um movimento urbano popular de um movimento indígena ou étnico em geral, uma vez que não é igual a dinâmica de um ator social transclassista daquele claramente classista, como não é tampouco igual a postura de um setor da classe média ou das classes dominantes, em relação às posições dos segmentos populares de modo geral.

Porém, dado que todo ator, grupo, ou classe social pode fazer parte de um movimento social que o expresse, então é importante diferenciar os movimentos sociais em geral, dos movimentos sociais *populares*, isto é, daqueles que involucram diretamente e representam os setores e classes populares da sociedade. Isso se explica, no extremo, em razão de ter havido e seguir existindo movimento sociais das classes dominantes, por exemplo, das oligarquias de latifundiários da América Latina, que sempre resistiram a terem suas terras expropriadas, ainda que as imensas áreas que possuem se mantenham ociosas e improdutivas, ao lado de milhares de camponeses pobres e totalmente despossuídos de terra alguma<sup>8</sup>.

---

jovens e das populações da Espanha e Grécia, e que ilustram claramente esta diferença entre mobilização social e movimento social: conseguiram lograr os espanhóis do 15-M a consolidação como um movimento social mais permanente e estruturado, ao marchar pelos bairros populares? E, poderiam os estudantes e trabalhadores gregos que bloquearam e cercaram durante várias semanas o seu parlamento, conformar-se com um movimento social de protesto anticapitalista mais orgânico e estável? A “moeda está no ar”, e nos meses e anos seguintes saberemos a resposta.

<sup>8</sup> Este é o caso, em nossa opinião, de um dos processos que hoje vive agudamente a Bolívia e o governo de Evo Morales. Pois apesar do caráter limitado das medidas deste governo socialdemocrata de Morales, foram organizadas em sua oposição as oligarquias de latifundiários das províncias da região sul boliviana, em um movimento social conservador das classes dominantes dessa nação sul-americana. Sobre o contexto que

---

Assim, se não podemos caracterizar todo movimento social como popular, também é importante esclarecer que um mesmo ator social, por exemplo, o setor estudantil, pode ter, em distintos momentos do desenvolvimento histórico, ou em diferentes espaços do planeta, configurações distintas, e com elas, diversas formas de constituir-se como movimento social. Por exemplo, até a Segunda Guerra Mundial, o setor estudantil do mundo inteiro era um setor *minoritário* socialmente, elitista, e em geral proveniente das classes dominantes, no entanto, a partir de 1968 até hoje se converteu, em muitos países, em um setor mais massivo, plural e amplamente popular. Isto implica que, por vezes, o movimento estudantil, mesmo que fosse um movimento social (ainda que com grande impacto social e intelectual), *não* era popular para só recentemente converter-se em um verdadeiro movimento social de caráter popular. Ainda que se tenha claro que existam movimentos sociais populares que são progressistas, todavia, intrassistêmicos, e outros que, muito mais radicais e avançados, são genuinamente antissistêmicos.

Como já mencionamos antes, o legítimo protesto social pode, por vezes, expressar fortes reivindicações e denúncias contra a injustiça, a humilhação e a exploração, sem, todavia, localizar a raiz de todos os males na própria natureza do predominante sistema social, sem transcender o horizonte de seus próprios limites e de sua validade histórica, mesmo que em outras ocasiões possa afirmar-se já conscientemente como uma luta que persegue a destruição total desse sistema vigente, para substituí-lo por outro completamente diferente.

Pensar então os movimentos antissistêmicos hoje, não é possível, em nossa opinião, sem assumir essas extensas raízes profundas da longa duração histórica do protesto social, que foi encontrado nesses mesmos movimentos, uma de suas expressões mais recentes. De igual maneira, tampouco é possível entender adequadamente esses movimentos antissistêmicos atuais sem compreender a complexa diversidade das figuras envolvidas no protesto social, como também as múltiplas dinâmicas de sua evolução, junto às variadas formas de sua multifacetada expressão, e também as diferentes formas de sua especificidade e singular concreção.

Além disso, para tentar demarcar o sentido mais rigoroso que hoje se poderia ter o termo *movimentos antissistêmicos*, faz-se necessário, em primeiro lugar, revisar os vários sentidos que, de maneira geral e comum lhe atribuem os vários atores e os próprios movimentos sociais que, resgatando para si mesmos essa denominação, se autobatizam

---

precedeu à instauração do governo de Evo Morales, cf. Carlos Antonio Aguirre Rojas (2005). Para uma caracterização mais ampla dos limites do governo Morales, como parte de uma tendência mais global de toda América Latina, cf., Carlos Antonio Aguirre Rojas (2009a) e Oscar Olivera et. all (2011).

---

com esse nome, quando suas lutas, combates, tendências, iniciativas, posturas são precisamente antissistêmicos. Em segundo lugar, será necessário esclarecer que, quando se trata de uma luta antissistêmica, isto é, *contra* o sistema social dominante, então devemos começar a assumir qual é a *natureza singular* desse mesmo sistema social, e que talvez *não* seja um simples sistema unitário e uniforme (por exemplo, o sistema social capitalista), mas sim, um “sistema de sistemas” ou uma “síntese de vários sistemas” – que incluiria o sistema capitalista, o sistema de organização classista da sociedade, e o sistema da “pré-história humana” – articulados agora, em uma única estrutura social.

### **Movimentos antissistêmicos: contra qual sistema?**

“No somos antisistêmicos. El sistema el que es antinosotros”.  
*Banner na Praça “Puerta del Sol”, 18 de maio de 2011.*

A julgar pelos usos mais comuns que hoje em dia se fazem do termo “movimentos antissistêmicos”, podemos considerar que a maioria dos que o usam, o concebem como idêntico ao termo “movimentos anticapitalistas”, pois se a luta ou o combate essencial de um movimento é contra o sistema social hoje imperante em nível mundial, e esse sistema é o capitalista, então é lógico considerar que a luta antissistêmica ou o movimento antissistêmico são contra o capitalismo planetário e, portanto, essas lutas ou movimentos são identicamente anticapitalistas e antissistêmicos, e que seriam termos perfeitamente equivalentes e intercambiáveis.

Então, se formos fazer uma clara distinção entre os movimentos sociais que somente buscam ajustar e recompor o sistema capitalista, atacando parcialmente alguns de seus principais defeitos e aparando suas arestas mais cruéis e destrutivas, e aqueles outros que tentam genuinamente *destruir* o sistema mundial capitalista e *suplantá-lo* por um sistema social diferente, de outra natureza, parece claro que somente estes últimos merecem o termo de movimentos anticapitalistas, e na perspectiva recém-mencionada, de movimentos antissistêmicos.

No entanto, e tratando de continuar a nossa definição do que é e o que pode conotar o termo movimento antissistêmico, podemos perguntar novamente: se a luta é contra o sistema, a qual sistema particular nos referimos? E se a resposta, totalmente legítima e relevante, for a que aponta o sistema capitalista, também é possível (recuperando um denso

---

e pouco lembrado argumento de Marx),<sup>9</sup> postular que a luta contra o capitalismo, se volta também e *necessariamente* numa luta *simultânea* contra os outros sistemas sociais que o sustentam e o apoiam, sendo subjacentes ou complementares ao mesmo. E esses dois sistemas solidários ao capitalismo, são, primeiramente, o sistema de organização social dividido em classes sociais antagônicas, e segundo, o sistema do reino da “escassez natural”, ou o predomínio do “reino da necessidade”.

Marx insistiu muitas vezes que com o fim do capitalismo, adviria também o fim de toda sociedade dividida em classes sociais, somando-se a isso o fato de que com o colapso do capitalismo e da sociedade classista, igualmente se acabaria a longa e prolongada “pré-história” da humanidade, sucumbindo juntamente com o domínio do reino da necessidade natural. O que significa dizer que o atual sistema capitalista se apresenta no fundo como um sistema social *múltiplo*, como um sistema complexo (uma espécie de sistema de sistemas) que articula dentro de si tanto as suas dimensões como uma sociedade ou sistema *capitalista* com suas determinações como sociedade ou sistema *classista*, e, finalmente, com as suas estruturas e elementos relacionados à sociedade e mesmo ao próprio sistema da *escassez humana*.

De acordo com essa sábia e pouco lembrada tese marxista, isso implica que a atual luta antissistêmica, e os atuais movimentos antissistêmicos que a defendem, só podem afirmar-se, desenvolver-se e implantar-se totalmente, na medida em que assumirem essa natureza tripla e complexa do sistema social dominante, propondo então um combate claramente anticapitalista, mas ao mesmo tempo, uma confrontação explícita e radical contra o sistema de sociedades divididas em classes sociais antagônicas, isto é, o sistema *classista* de organização social e todo o cortejo de relações e estruturas que o acompanham, mas também, em um plano ainda mais profundo e de longa duração, na medida em que se desenvolverem e incorporarem uma guerra total contra o sistema das sociedades da *pré-história* humana (no sentido marxista do termo), ou seja, em oposição a todas as relações sociais e elementos que correspondem a essas sociedades, que estão submergidas dentro do predomínio dos códigos sociais que Marx chamou, com propriedade: “O Reino da necessidade natural”.

---

<sup>9</sup> Refiro-me ao denso argumento de Marx que recorre praticamente toda sua obra, estando presente na *Ideologia Alemã*, onde Marx postula a tese radical da *abolição do trabalho humano*, que em sua *Miséria da filosofia*, se propõe a *morte e desaparecimento total* da atividade da política, ou mesmo em *O Capital*, quando se estabelece a distinção entre o reino da necessidade, ou “pré-história do homem”, e o reino da liberdade, necessariamente após o capitalismo, e igualmente na *Crítica ao programa de Gotha*, onde se defende a ideia de direito que para ser justo tem que ser desigual, entre muitas outras teses *profundas e radicais* do marxismo original, que logo foram esquecidas ou atenuadas pelas correntes dominantes de um marxismo vulgar e manualesco.

---

Por isso é que pensamos que ao passar em revista o vasto, complexo e multicolor leque desses novos movimentos sociais que hoje se autobotizam de anticapitalistas e antissistêmicos, dois fatos importantes merecem atenção: primeiro, que a existência da maioria deles remonta apenas há algumas décadas de vida. Isso significa que todos esses movimentos, com a força e o protagonismo que agora se apresentam, são claramente filhos da enorme fratura histórica que significou a revolução cultural mundial de 1968. E, portanto, produto também do contexto da etapa em que o sistema mundial capitalista vive, precisamente a partir de um duplo corte, isto é, da crise cultural de 1968 e da crise econômica mundial de 1972-73. E, em segundo lugar, ainda que historicamente suas demandas essenciais sejam muitas vezes contestatórias a ponto de impugnar e pôr em questão o sistema social capitalista, ao mesmo tempo, esses movimentos rechaçam e se opõem frontalmente a distintas realidades ou fenômenos que remontam sua existência histórica além das origens do capitalismo, como por exemplo, a luta contra a figura patriarcal e machista da família e das relações de gênero, ou também o combate contra as formas de saber-poder e, em geral, os efeitos perversos da divisão entre os trabalhos manual e intelectual, bem como o questionamento àqueles que concebem a natureza tão somente como instrumental e utilitária, portanto, como mero meio de produção e simples mercadoria suscetível a lógica vulgar de compra e venda mercantil, etc.

A dupla e complexa determinação desses novos movimentos antissistêmicos nos conduz a uma série de importantes perguntas, cujas respostas podem nos permitir, tanto explicar a grande difusão e popularidade desse termo, como também explorar e propor mais detidamente os novos e mais profundos significados possíveis que esse conceito de “movimentos antissistêmicos” pode adquirir nesse alvorecer cronológico do século XXI, se seguirmos as pistas da importante tese de Marx, que mencionamos anteriormente.

Então, podemos perguntar: como foi possível a emergência, ou de outra forma, o aumento da visibilidade e protagonismo de todos esses novos movimentos antissistêmicos, e por que tal emergência se desenvolveu apenas nas últimas oito décadas? Ou então, o que tornou possível a aparição de temas e demandas sociais absolutamente *inéditas* e *originais* agora levantadas pelos novos movimentos antissistêmicos, e o que os faz convergir na busca e reivindicação de certas mudanças gerais que antes eram desconhecidas ou marginalizadas pelos antigos movimentos anticapitalistas do passado? Como se vincula tudo isso, com a singular etapa da vida histórica que hoje atravessa o sistema capitalista em nível mundial? E, para terminar, como é possível caracterizar o conjunto dessas novas e inéditas demandas que todos esses movimentos de oposição radical ao sistema têm

defendido, durante as últimas três ou quatro décadas recém-transcorridas, e como elas se vinculam com essa dimensão especificamente antissistêmica dos ditos novos movimentos? Ou dito de outro modo, como são e poderão ser esses novos movimentos, e também os antigos (com um histórico mais profundo e de uma muito mais longa duração histórica e agora completamente renovados) genuinamente *anticapitalistas* em movimentos radicalmente antissistêmicos? Vejamos.

### O contexto histórico dos novos movimentos antissistêmicos

Para que se possa entender a própria possibilidade de existência desses novos movimentos sociais e também a renovação radical dos antigos movimentos dos trabalhadores e camponeses precisamos primeiro compreender qual é o período histórico em que vivemos agora. Essa etapa histórica *não* é da "globalização", ou da "mundialização", os quais são apenas termos inventados pelos meios de comunicação de massa, que vazios conceitualmente, no fundo, só legitimam o atual capitalismo neoliberal, apresentando-o como processo necessário para todas as nações do mundo, e contra o qual não há alternativa possível<sup>10</sup>.

Tampouco vivemos agora o período do fantasmagórico "Império", que estaria em todas as partes e por vezes em nenhum lugar, e ao qual se oporiam, supostamente, amorfas e fantasmagóricas as "Multidões", formadas por pobres indeterminados e abstratos, para lutar por limitados e reformistas objetivos (nem todos anticapitalistas), de conquista da "cidadania global", de um "salário social", ou uma estanha reapropriação (sem expropriação radical) das condições de trabalho, ou ainda uma igualmente etérea "recuperação do poder constituído"<sup>11</sup>.

Ao contrário, o que vivemos atualmente, na nossa opinião, é a fase da *crise terminal do capitalismo*, ou seja, o momento histórico em que começam a colapsar todas as estruturas constituintes do sistema capitalista mundial, enquanto surgem, de modo embrionário e inicial, embora de maneira muito clara, os germes das futuras formas

<sup>10</sup> Para uma crítica dos conceitos de "globalização" e "mundialização", sugiro a leitura de Immanuel Wallerstein (2002); e o texto "La globalización no es algo nuevo", no livro *La crisis estructural del capitalismo* (Wallerstein, 2005), e também Carlos Antonio Aguirre Rojas "A modo de introducción: una perspectiva histórico-crítica de la globalización y la mundialización" (2010).

<sup>11</sup> Para todas essas teses, recomendo a leitura do muito discutível trabalho de Michel Hardt e Antonio Negri (2002). Também nem todos concordam que é preciso "desenvolver uma outra teoria do valor", nem mesmo trocar os referentes de um novo discurso revolucionário, abandonando Marx para substituí-lo por Santo Agostinho, nem acreditamos que devemos abandonar a dialética e o pensamento dialético, ou tampouco que o modelo do novo militante anticapitalista e antissistêmico seja São Francisco de Assis, ideias essas defendidas nessa mesma questionável obra.

---

organizacionais de uma emergente sociedade não capitalista. Essa é uma clara *etapa de transição histórica mundial ou de bifurcação histórica* que combina a decadência da antiga sociedade capitalista mundial aos primeiros vislumbres de uma possível nova sociedade, livre, igualitária, justa e muito superior a essa velha sociedade capitalista.

Desse modo, hoje coexistem em nosso mundo, a crise ecológica global e os riscos de uma catástrofe ecológica planetária, com os vários movimentos de defesa da Mãe Terra, e a exigência de sua desmercantilização absoluta e integral, juntamente com a crise econômica mundial, que ganhou destaque a partir do final de 2008, uma crise ao mesmo tempo produtiva, comercial e financeira – que será muitas vezes pior do que a crise de 1929 –, e está em contraste com as experiências da formação de uma "Outra economia" e de "Outro Comércio", não regidos pela lógica da acumulação de capital, nem pela obtenção de mais lucro. Assim como a decomposição geral do tecido social de todas as sociedades capitalistas do mundo em decorrência do surgimento de novas formas de comunidade, que nascem e crescem entre os neozapatistas das montanhas do sudeste mexicano, em alguns bairros "piqueteros" da Argentina, no interior dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil, em lugares como a cidade de El Alto, na Bolívia, ou em algumas comunidades indígenas no Equador, Peru e Colômbia<sup>12</sup>.

A crise também coexiste com o desaparecimento de todos os Estados e de todas as classes políticas do mundo, consumidas por um profundo processo de deslegitimação popular, do divórcio de suas bases sociais e de corrupção ética generalizada, o que leva à gestação de distintas e diferentes formas de uma "Outra política", expandidas pelos novos movimentos antissistêmicos que religam essa "Outra política" com a ética, a memória, a história das classes e dos grupos subalternos vinculados a esses mesmos movimentos. Da mesma forma que há paralelamente uma crise cultural, na qual todas as formações da cultura contemporânea e dos saberes burgueses dominantes, são ambos asfixiados pela indústria cultural, pela mercantilização e esvaziamento de todas as formas culturais, há uma revalorização e o resgate do profundo saber popular e de todas as culturas subalternas em

---

<sup>12</sup> Sobre a caracterização da crise terminal do capitalismo, vale a pena reler a explicação do sábio acadêmico Don Durito de la Lacandona, que defendendo a posição dos companheiros neozapatistas, nos explicou que devemos conceber o neoliberalismo, *não* como uma "resposta" para a crise, mas como uma *expressão* dessa mesma crise, acrescentando que para esse autor o neoliberalismo é a "caótica teoria do caos econômico" e "a catastrófica condução da catástrofe" e, para concluir, que "o caos é o caminho que aponta para uma nova ordem mundial", ou seja, de acordo com nossa interpretação, a clara percepção de que o neoliberalismo e o capitalismo são precisamente o *caos sistêmico* atual, próprio de uma etapa de bifurcação ou de transição histórica. Esta posição está contida nos comunicados do EZLN 11 de março, de 17 de julho e 29 de setembro de 1995, que podem ser consultados no livro *EZLN. Documentos y comunicados*, tomo II, Ed. Era, México, segunda edición, 1998. Além disso, cf. Immanuel Wallerstein (1996, 2005) e também Carlos Antonio Aguirre Rojas (2007b; 2010). Sobre os "germes" de um mundo novo que agora proliferam por toda a América Latina, cf. (ZIBECHI, 2008; AGUIRRE, 2009a).

---

geral, resgate este levado a cabo, uma vez mais, por esses movimentos antissistêmicos já mencionados<sup>13</sup>.

A crise terminal do capitalismo ou etapa de transição histórica desse capitalismo mundial para um novo sistema social, não deve ser, entretanto, compreendida como uma fase pós-moderna, pós-colonial, pós-industrial, pós-capitalista ou pós-burguesa, como entendem alguns teóricos, que ao qualificarem, nesses termos, o capitalismo mundial na atualidade querem, no fundo, deslegitimar a profunda e ainda enorme vigência do pensamento crítico de Marx. Sob uma forma mais aberta ou mais velada, às vezes clara e às vezes retraída, quase todos os autores que proclamam essa tese de uma etapa ou sociedade pós-colonial ou pós-moderna, etc., apontam para a necessidade de um “novo” pensamento precisamente pós-moderno ou pós-colonial, ou descolonial, ou descolonizador e, portanto, distinto do profundo legado que representa a matriz essencial do pensamento crítico de Marx.

Esse posicionamento leva aos desatinos de qualificar todo pensamento de Marx como um pensamento “eurocêntrico” – a partir de uma declaração isolada, sobre um problema particular, analisada fora de seu contexto – ou para qualificar as ideias de Marx como pertencentes ao pensamento hegemônico, ou ainda dizer que se trata de um pensamento crítico, mas “débil”, enquanto se reivindica, sem pudor, que o pensamento crítico “forte” só pode nascer *fora* da Europa, por exemplo, na América Latina<sup>14</sup>. Como se a razão e o conhecimento *crítico* tivessem pátria, e como se pertencer a uma cultura e a uma civilização deslegitimaria, ou em outro caso legitimaria, de maneira *automática*, o caráter etnocêntrico ou então supostamente crítico de um autor ou de uma obra qualquer.

Em face disso, pensamos, contrariamente, que Jean Paul Sartre estava completamente certo, ao afirmar em sua *Crítica da Razão Dialética* que o pensamento crítico de Marx é “o horizonte intelectual insuperável de nosso tempo”, o que significa que hoje continua sendo impossível pensar *críticamente* e de modo genuinamente *científico* o capitalismo mundial, se há a pretensão de se ignorar Marx ou mesmo declará-lo um autor “superado” ou “eurocêntrico”, válido somente para o século XIX, ou mesmo inválido ou inútil para pensar o suposto estágio de “Imperialismo”, para construir um suposto “pensamento fronteiro”, “pós-colonial”, “descolonizador”, ou um vasto etecetera.

---

<sup>13</sup> Sobre a crise da política e da cultura contemporânea e as novas formas de “Outra Política” e “Outra Cultura”, cf. (Aguirre Rojas, 2007a; 2009b). Sobre o ponto específico da vinculação entre essa “Outra política” e a dimensão “ética”, vale a pena visitar o recente diálogo entre Subcomandante Insurgente Marcos e alguns intelectuais, publicado nos números 76 e 77 da revista *Rebeldía*, no mesmo ano, 2011.

<sup>14</sup> A título de exemplo dessas questionáveis e aqui *debeis* posturas pós-coloniais e pós-modernas, cf. (Mignolo, 2003).

---

E isso, é claro, para não ficar exclusivamente acantonado na obra crítica de Marx, mas sim seguir com base em suas lições para repensar a realidade atual recuperando tanto os aportes do verdadeiro *marxismo crítico* do século XX, a partir de Lenin, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci, a Escola de Frankfurt e Mao-Tse-Tung, até os trabalhos de Edward Palmer Thompson, Ranajit Guha, Immanuel Wallerstein, entre outros. E, também, para se recuperar desse mesmo horizonte crítico de Marx, as contribuições do pensamento crítico não marxista do século XX, desde Marc Bloch, Norbert Elias, George Simmel ou Fernand Braudel, até os aportes de Carlo Ginzburg, Michel Foucault, Edward Said ou mesmo Ernest Gombrich, entre muitos outros autores<sup>15</sup>.

Acreditamos que, longe de ter caducado ou se esgotado, o pensamento crítico de Marx continua sendo profundamente vigente<sup>16</sup>, e que muitas de suas hipóteses, só *recentemente* começaram a ser verdadeiramente compreendidas e assumidas em todas as suas ricas e múltiplas consequências. Como, por exemplo, a sua aguçada hipótese, já mencionada e explicada, sobre o que significa, em termos mais globais, o complexo processo de fim histórico do capitalismo e a transição que esse desastre capitalista implica. Porque contra a vulgata stalinista, que concebia o fim do capitalismo somente como uma simples passagem ao modo de produção ou sociedade socialista, o que Marx na verdade criou foi a tese *radical* já anteriormente referida, de que com o fim histórico do capitalismo concluía-se toda a *longa história das sociedades humanas baseadas na divisão em classes sociais*, encerrando-se, igualmente e de forma mais profunda, o longuíssimo período da *“pré-história” humana*, para abrir caminho, pela primeira vez na história do homem, ao início do verdadeiro “reino da liberdade”.

Diante disso, a atual crise do capitalismo e a transição histórica que ela representa não é uma transição simples e única, e nem mesmo uma dupla transição, mas verdadeiramente uma transição tripla, ou seja, simultaneamente, a crise terminal do capitalismo, a crise da conformação ou configuração *classista* da sociedade e também, em um terceiro nível, a última crise e o final do predomínio do reino da necessidade. O que explica não apenas o tamanho e a complexidade do “caos sistêmico” que vivemos em nossos dias, mas também a extraordinária medida da transição histórica atual e a grande dimensão das mudanças e dos trabalhos de profunda transformação que hoje se nos

---

<sup>15</sup> Essa recuperação foi tratada em vários de nossos ensaios, compilados em AGUIRRE (2011b).

<sup>16</sup> Sobre a vigência atual do marxismo é interessante rever a posição dos neozapatistas mexicanos expressa na carta que o subcomandante insurgente Marcos enviou a Adolfo Gilly em 22 de outubro de 1994. Carta incluída em *EZLN. Documentos y comunicados*, tomo II, antes citado. Ver também sobre essa vigência do marxismo (AGUIRRE ROJAS, 2011a).

---

impõem. E com tudo isso, também, a importante diferença, e a necessária articulação, entre o que são os movimentos *anticapitalistas* e o que são os movimentos radicalmente *antissistêmicos*.

Se perguntarmos agora, contra qual sistema estão lutando os atuais movimentos antissistêmicos, a resposta que devemos reiterar a partir da sutil e complexa tese de Marx, é que esta luta é contra três sistemas articulados e coexistentes que são: o sistema social capitalista, a configuração classista da estrutura social e também o sistema social humano das sociedades marcadas pelo signo da escassez e pelo longuíssimo predomínio da condição pré-histórica da humanidade. Tríplice luta que dá o verdadeiro e mais profundo sentido ao conceito de movimentos sociais antissistêmicos.

### **A luta em várias frentes (contra vários sistemas sociais e históricos) dos movimentos antissistêmicos atuais**

Se vivemos agora uma crise sistêmica, não é apenas uma crise global do modo de produção capitalista e da sociedade burguesa moderna, mas é também, simultaneamente, a crise terminal de configuração *classista*, que há mais de dois milênios se instalou nas sociedades humanas, e muito além, a crise definitiva das civilizações com características daquilo que Marx chamou de "pré-história da humanidade", inaugurada com a origem da espécie humana, e que agora está chegando ao seu fim, de modo que as relações, estruturas, formas de instituições que hoje colapsam frente aos nossos olhos, são estruturas, relações, etc., também correspondentes a esses três níveis mencionados da realidade histórico-social.

Colapsos e crises múltiplas desses três registros referidos, que conseqüentemente, também multiplicam e complexificam os problemas e os trabalhos enfrentados atualmente pelos movimentos sociais anticapitalistas e antissistêmicos, bem como as frentes e espaços em que esses movimentos devem se pronunciar, atuar, lutar e, até mesmo, a partir de agora, começar a gerar alternativas reais de reconstrução, gestando assim, de fato, novas formas, relações e estruturas que correspondem a novos mundos e novas sociedades pelos quais esses movimentos combatem.

Assim, juntamente com a luta anticapitalista contra todas as formas de exploração econômico-sociais, de expropriação territorial, dos direitos e da cultura, da repressão político-social em todas as suas variantes, além das múltiplas formas de desprezo e discriminação, vemos também florescer agora, em todo o planeta, movimentos que questionam a ancestral relação instrumental do homem com a natureza ou a lógica

tecnológica vigente há milênios, juntamente com a cada vez mais anacrônica e inoperante divisão entre o campo e a cidade, até a antiga separação entre a “alta” e baixa” cultura e sua absurda hierarquia, junto às estruturas hoje dominantes dos saberes populares e científicos e a invasora e degradante “indústria cultural”. E tudo isso passa também pela crítica radical à escravidão que representa todos os tipos de trabalho – muito distinto do que é a atividade humana –, pela impugnação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, junto ao questionamento das formas classistas desgarradas e antagônicas da organização social, da corrupta e degradada atividade política em *todas* as suas formas, ou de todo esse cortejo de relações desiguais e hierárquicas que é o patriarcado, o machismo, o racismo, o sexismo, a homofobia, o nacionalismo, o classicismo, o saber-poder, entre muitos outros.

A amplitude e a complexidade da agenda dos problemas que implicam esta bifurcação ou transição histórica hoje em curso, explicam as múltiplas *novas* frentes de luta pelas quais combatem, atualmente, os movimentos de contestação radical ao movimento capitalista, como também os igualmente múltiplos novos sujeitos e agentes sociais subalternos, envolvidos nestas lutas e nesses movimentos. Um dos traços centrais que caracteriza os ditos movimentos antissistêmicos, depois da revolução mundial de 1968, é precisamente esse crescimento exponencial, tanto das novas áreas de combate, como dos novos sujeitos sociais que os levam a cabo<sup>17</sup>.

O que permite agregar um *novo* sentido ao termo *movimentos antissistêmicos*, que como já dissemos antes, foi cunhado décadas atrás por Immanuel Wallerstein,<sup>18</sup> porque, se os movimentos que lutaram durante séculos e ainda hoje lutam contra as estruturas econômicas, sociais, políticas e da cultura capitalista, eles são, sem dúvida alguma, movimentos *anticapitalistas*, sendo que, em virtude desse ritmo histórico do fim do capitalismo e de toda forma de sociedade dividida em classes sociais e mais profundamente com a conclusão também histórica do próprio itinerário milenar do reino da necessidade e

<sup>17</sup> Um ponto que também foi claramente percebido pelos companheiros neozapatistas e que é um dos princípios orientadores da própria organização e do funcionamento cotidiano da importante iniciativa de *La Otra Campaña*. Cf. por exemplo, Subcomandante insurgente Marcos “Carta a ONG’s, “Carta a ONG’s, Colectivos, Grupos...” de 30 de agosto de 2005, na revista *Rebeldía*, num. 34, agosto de 2005, em especial pag. 72. Ver também (AGUIRRE ROJAS, 2007a).

<sup>18</sup> Como já foi mencionado acima, Immanuel Wallerstein cunhou o termo “movimentos antissistêmicos” na década de setenta do século passado, para englobar os movimentos que, *em todas as áreas geográficas* do sistema-mundo capitalista, se opuseram a esse sistema, com o intuito de incluir tanto os movimentos *socialistas* que lutavam no centro e na semiperiferia lutam no centro e na semiperiferia do sistema-mundo, bem como os movimentos de libertação nacional que se afirmaram, sobretudo, na periferia desse mesmo sistema-mundo. A esse respeito, para além da referência acima mencionada, cf. também (WALLERSTEIN, 2008). Aqui, ao contrário, e sem recusar-se essa primeira conotação proposta por Immanuel Wallerstein, tentamos dar ao termo movimento antissistêmicos, adicionalmente, um novo significado, mais relacionado ao seu sentido temporal e histórico, como expressão dessa crise *múltipla* da estrutura múltipla de longa duração, algumas das quais seculares, enquanto outras milenares e até plurimilenares.

---

da pré-história humana, os movimentos *antissistêmicos* serão então aqueles que, além de lutar contra *todas* as expressões do mundo capitalista, lutem também contra *todas* as estruturas e realidades vinculadas a esse sistema *classista* da sociedade, e ainda, combatam, também frontalmente, todas as manifestações deste sistema *escasso* e *pré-histórico* de toda a humanidade.

Há que se ressaltar que há cinco séculos, o capitalismo refuncionalizou, incorporou a sua lógica e funcionamento geral, beneficiando-se diretamente dessas relações e estruturas, primeiro *classistas* e antes destas, as *pré-históricas* – criando, por exemplo, um racismo capitalista, ou um patriarcado capitalista burguês, uma hierarquia cultural funcional ao capital, uma modalidade burguesa moderna de relação instrumental com a natureza, entre muitas outras – de modo que hoje, nessa tríplice e singular transição histórico-sistêmica, desenvolvida há apenas três ou quatro décadas, todo o movimento anticapitalista é forçado a se converter, se quiser ser realmente eficaz, também em movimento antissistêmico. E todo o movimento antissistêmico, deve ser ao mesmo tempo um movimento genuinamente anticapitalista.

Algo que foi ilustrado, paradigmaticamente, durante mais de 17 anos de vida pública pelo digno movimento indígena neozapatista mexicano, movimento que certamente pode ser considerado um dos exemplos mais claros e importantes desses novos movimentos sociais que não são apenas anticapitalistas, mas também, e de forma muito mais profunda e radical, movimentos genuinamente antissistêmicos.

### **Os novos movimentos radicais de defesa, tanto anticapitalistas e antissistêmico**

O fato de que os movimentos que hoje lutam contra o capitalismo mundial<sup>19</sup>, se desenvolvam dentro dessa singular e tríplice situação de bifurcação histórica, faz com que esses movimentos se convertam, caso desejem ser realmente consistentes e coerentes, em movimentos também radicalmente antissistêmicos, o que, então, não só os levam a aprofundar e redimensionar, de maneira inédita, o conjunto de suas demandas específicas, bem como também os conduz a formular novas demandas concretas, mais profundas e estruturais. E com isso, logicamente, também os obriga a repensar de uma maneira diferente do que foram pensadas suas antigas propostas de sociedade alternativa, que

---

<sup>19</sup> Naturalmente, *nem* todo movimento social é automaticamente um movimento anticapitalista, o que exige um conjunto de condições particulares. Pois há, sem dúvida, como já desenvolvido antes, formas de protesto totalmente pró-sistêmica ou pró-capitalistas, assim como explosões ou manifestações que são somente efêmeras ou puramente germinais, ou ainda muito específicos. Sobre esse ponto, cf. nosso ensaio: (AGUIRRE ROJAS, 2009c).

---

agora também se combinam com novas, mais audazes e também radicais formas diferenciais e opcionais de reconstrução e reorganização social global. Por exemplo, na luta constante que os neozapatistas, e com eles, outros povos indígenas da América Latina, realizam em defesa da Mãe Terra e do Território.

Considerando que essa luta combate e questiona, sem dúvida, a dupla exploração econômica capitalista, de um lado dos trabalhadores camponeses, e de outro do uso predatório tecnológico capitalista da terra em si, mas também, avançando ainda mais, esses povos indígenas rebeldes latino-americanos estão se opondo à condição de "mercadoria" da Mãe Terra, reivindicando em suas demandas o fim do caráter mercantil da terra e do território, uma vez que põem em questão, simultaneamente, o estatuto da *propriedade privada* da terra, propondo o entendimento dessa terra como patrimônio *comunitário*, *não suscetível* de converter-se em propriedade privada e nem mesmo *coletiva*, mas apenas destinada ao uso e apropriação temporal e limitada, partindo sempre de uma perspectiva respeitosa de considerá-la "Mãe Terra", como fonte geral e essencial de toda a vida humana possível.

Desde então, mais profundamente, esses movimentos indígenas antissistêmicos passaram a criticar a concepção predominantemente "instrumental" dessa terra, que a toma somente como *locus standi* e como meio de produção utilitário, opondo-se à ideia de "Pachamama" ou "Mãe Terra", ou seja, como fonte original e suprema da vida humana em seu conjunto, como material de sustento e também como proteção e matriz de manutenção global da vida humana, ou mesmo como a origem primeira da cultura, mitos, ideias, ferramentas, cores, visões, figuras, personagens; de igual modo, dos alimentos, da história, da memória, do cuidado com os próprios mortos e múltiplas relações e configurações sociais de todo tipo.

Concepção não instrumental da Mãe Terra e da Mãe Natureza, que se estende não só aos campos, mas de igual modo à água, ao subsolo, às plantas e aos animais, assim como abrange os fundamentos dos territórios atualmente considerados urbanos, as próprias cidades<sup>20</sup>; o que prefigura a proximidade de uma sociedade não capitalista, sem classes, não pré-histórica que está por surgir, permitindo, portanto, uma configuração diferente da distribuição demográfica humana sobre o território, que vai eliminar a milenar e hoje

---

<sup>20</sup> Essa ideia radical que desafia a própria divisão do espaço geográfico e território humanizado no campo e na cidade e suas fundamentos últimos, foi criada de forma muito aguda e acertada pelo Tenente Coronel Insurgente Moisés, na Mesa de 5 de janeiro de 2009, no interior do primeiro do *Primer Festival Mundial de la Digna Rabia*, o texto pode ser encontrado em *Contrahistorias*, NUM. 12, de 2009. Tese que, não por acaso, coincide com a profunda ideia de Marx o fim da pré-história humana, era também o fim do relacionamento milenar de antagonismo entre o campo e a cidade, ideia desenvolvida, por exemplo no capítulo I de seu livro *Ideologia Alemã* (MARX, 1974)

---

anacrônica antítese e divergência entre o campo e a cidade; bem como uma nova e diferente interconexão ou metabolismo entre homem e natureza, entre o animal humano e a Mãe Terra a partir da qual ele nasce, vive, se reproduz, se alimenta e dela depende, ainda em nossos dias, de maneira profunda e estrutural<sup>21</sup>.

A defesa e reivindicação da Mãe Terra não é a única expressão desse caráter não somente *anticapitalista*, mas também profundamente *antissistêmico* dos novos movimentos sociais contestadores. Uma vez que descobrimos outras expressões similares quando observamos que, para além da crítica de todas as formas de exploração econômica capitalista, esses movimentos põem também em cheque a lógica *produtivista* e de escassez subjacentes à exploração capitalista, e que se assemelha com todas as sociedades humanas anteriores, frente a qual o neozapatismo ostenta, pelo contrário, uma atitude lúdica e anti-produtivista, que reivindica o consumo e o desfrute ante à produção. Por exemplo, quando os neozapatistas atribuem dentro de seu movimento uma importância *central* às atividades festivas, à dança, e à convivência comunitária, não somente como premissa essencial da mesma luta, mas também como atividade cuja reprodução, ampliação e promoção, constituem parte dos objetivos dessa mesma luta. Pois como havia dito em uma ocasião os companheiros neozapatistas, “uma revolução que não sabe dançar”, e que não almeja “poder dançar mais e com gosto”, é uma revolução que não vale a pena empreender.

Como crítica à classe capitalista e ao seu domínio social, que se prolonga mais além, até a crítica de toda sociedade possível baseada na divisão de classes sociais, e a qual esses novos movimentos anticapitalistas e antissistêmicos vão opor constantemente diferentes formas de reorganização das personagens *comunitárias* da organização social. Pode-se citar como outro exemplo, a profunda e tenaz defesa do “nós” neozapatista sobre o “eu” individual, o que não nega o importante papel da individualidade humana dentro da história, mas o faz em relação ao individualismo possessivo, egoísta e anticomunitário característico da maioria das sociedades classistas. O que, por sua vez, é substituído por uma nova síntese comunitária superior, onde o indivíduo e a comunidade se retroalimentam e se enriquecem mutuamente a todo tempo, em vez de oporem-se e confrontarem-se permanentemente.

Igualmente, a crítica radical da atividade política humana presente nesses movimentos antissistêmicos atuais, que não é somente a crítica da política capitalista, mas muito mais do que isso, de *toda* política classista, e mesmo de toda política possível, que

---

<sup>21</sup> Sobre as formas hoje existentes em torno desta importante luta da Mãe Terra e do Território, cf. nosso ensaio, Aguirre Rojas (2009d).

---

sempre separou, para opô-las, as funções de mando e obediência, e que ao longo dos séculos e milênios, se esvaziou e falsificou o conceito *estrito* de democracia, elitizando essa última e convertendo em episódico o exercício da mesma para as mãos da grande maioria, política que na verdade somente funcionou para perpetuar a dominação de uma classe qualquer, e com ela, também a reprodução das distintas e injustas hierarquias sociais que a acompanharam durante tanto tempo<sup>22</sup>. Deste modo, o que os companheiros neozapatistas propuseram, como já mencionamos antes, foi a ideia de uma “Outra Política”, tão radicalmente diferente que não deveria sequer ser chamada assim, e que no fundo será somente a figura transitória e efêmera da *morte absoluta da política e do político*, igualmente prevista também por Marx, nas passagens finais de seu célebre texto *A Miséria da Filosofia*.

A crítica radical da política que, juntamente com as críticas à configuração classista das sociedades, ao produtivismo tecnológico das economias baseadas na escassez, ou a visão instrumental da natureza e da terra, constituem somente alguns dos exemplos possíveis, dentre muitos outros, dessa articulação e imbricação cada vez mais estreita e necessária que tende a converter todo tipo de movimento *genuinamente anticapitalista*, nas atuais circunstâncias da tripla crise do capitalismo, das sociedades de classes e da pré-história humana, em um movimento *radicalmente antissistêmico*.

E uma vez que a humanidade, sabiamente, não se contenta mais com aqueles problemas que já estão em condições de se resolver, então serão os novos movimentos pós-68, anticapitalistas e antissistêmicos, que terão de organizar com sabedoria, paciência e coragem as múltiplas lutas que não somente deverão confrontar as diversas expressões do sistema social capitalista, senão também e simultaneamente, as várias manifestações do sistema classista de organização social, junto, em um terceiro nível, a todas as diferentes heranças do sistema social da pré-história humana, ou do reino da necessidade. E tudo isso, para que frente à tripla crise já referida, e ao triplo caos sistêmico que a acompanha, sejam capazes de ir gerando, em face das suas inevitáveis ruínas, as belas e novas fundações de um novo mundo muito diferente, um mundo que, como nos aconselham sabiamente os companheiros neozapatistas, deverá ser um “mundo no qual caibam muitos mundos”.

---

<sup>22</sup> Sobre esta profunda e radical crítica neozapatista da política, além dos textos antes citados na nota 12, ver: Carlos Antonio Aguirre Rojas (2007c; 2008).

### Referências Bibliográficas

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. A modo de introducción: una perspectiva histórico-crítica de la globalización y la mundialización. In: \_\_\_\_\_. *Para comprender el mundo actual*, Ed. Instituto Politécnico Nacional, México, 2010.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *América Latina en la encrucijada*, Ed. Contrahistorias, 7ª Ed., 2009a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Antimanual del mal historiador*, antes citado y también *La historiografía en el siglo XX*, Ed. Prohistoria, Rosario, 2011a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Bolivia rebelde: las lecciones de mayo y junio de 2005 en perspectiva histórica. *Contrahistorias*, num. 5, México, 2005.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Edward Palmer Thompson y la 'economía moral de la multitud', en el mundo del Siglo XXI. In: \_\_\_\_\_. *Retratos para la Historia*, Ed. Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográfica, La Habana, 2011b.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Immanuel Wallerstein: crítica del sistema-mundo capitalista*, Ed. Era, México, 2ª reimpresión, 2007b.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Ir a contracorriente: el sentido de *La Otra Campaña*. In: \_\_\_\_\_. *Chiapas, Planeta Tierra*, Ed. Desde Abajo, Bogotá, 2007a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La 'Otra Política' de *La Otra Campaña*. In: \_\_\_\_\_. *Chiapas, Planeta Tierra*, Ed. Desde Abajo, Bogotá, 2007a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La comuna rural de tipo germánico. *Boletín de Antropología Americana*, núm. 17, México, 1988.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La crisis poselectoral mexicana y La Otra Campaña. In: \_\_\_\_\_. *Chiapas, Planeta Tierra*, Ed. Desde Abajo, Bogotá, 2007a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Los movimientos antisistémicos de América Latina y su lucha por la tierra en el Siglo XXI, *Contrahistorias*, num. 13, México, 2009d.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Los nuevos movimientos sociales de América Latina. Una breve radiografía general. *Contrahistorias*, num. 9, México, 2007c.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Mandar Obedeciendo. Las lecciones políticas del neozapatismo mexicano*, Ed. Prohistoria, Rosario, Argentina, 2009b.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Mexico en el 2007, el camino más rápido hacia el 2010. In: \_\_\_\_\_. *Chiapas, Planeta Tierra*, Ed. Desde Abajo, Bogotá, 2007a.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Planeta Tierra: los movimientos antisistémicos hoy", en *Revista de Ciencias Sociales*, Segunda época, año 1, núm. 16, Buenos Aires, 2009c.

---

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Una otra democracia para el Programa Nacional de Lucha. *Contrahistorias*, num. 10, México, 2008.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. El manifiesto comunista. In: \_\_\_\_\_. Obras Escogidas. Moscú: Editorial Progreso, s/d.

GUHA, Ranajit. *Dominance without Hegemony. History and Power in Colonial India*, Ed. Harvard University Press, Harvard, 1997.

GUHA, Ranajit. *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India*, Ed. Duke University Press, Durham, 1999.

MARTIN, William G. (coordinador). *Making waves. Worldwide Social Movements, 1750 – 2005*, Paradigm Publishers, Boulder, 2008.

MARX, Karl. *Grundrisse*, tomo 1, Ed. Siglo XXI, México, 1971.

MARX, Karl. *La Ideología Alemana*, Ediciones de Cultura Popular, México, 1974.

MIGNOLO, Walter. *Historias locales, diseños globales*, Ed. Akal, Madrid, 2003.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michel. *Imperio*, Ed. Paidós, Buenos Aires, 2002.

OLIVERA, Oscar (et. all). “Carta Pública Abierta a Evo Morales y Alvaro García”. *Contrahistorias*, num. 16, México, 2011.

SOTO, Gustavo Castro. *¿Qué significa hoy ser antisistémico?* Ed. Otros Mundos, San Cristóbal de Las Casas, 2008.

THOMPSON, Edward P. *Costumbres en Común* Ed. Grijalbo, Barcelona, 1995.

THOMPSON, Edward P. *La formación de la clase obrera en Inglaterra*, 2 vols., Ed. Grijalbo, Barcelona, 1989.

THOMPSON, Edward P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase*, Ed. Grijalbo, Barcelona, 1979.

WALLERSTEIN, Immanuel. “¿Globalización o era de transición?”. *Eseconomía*, num. 1, México, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Después del liberalismo*, Ed. Siglo XXI, México, 1996.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Historia y dilemas de los movimientos antisistémicos*. Ed. Contrahistorias, México, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. *La globalización no es algo nuevo*. In: \_\_\_\_\_. *La crisis estructural del capitalismo*, Ed. Contrahistorias, México, 2005.

WALLERSTEIN, Immanuel. Las nuevas rebeliones antisistémicas: ¿Un movimiento de movimientos?. *Contrahistorias*, n. 1, México, 2003.

ZIBECHI, Raúl. *Autonomías y emancipaciones. América Latina en movimiento*, Ed. Bajo Tierra, México, 2008.

**Recebido em: 28/06/2013**

**Aprovado em: 30/06/2013**